

O HIBRIDISMO CULTURAL EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO

Wilma Avelino de Carvalho (PG-UFPI)*

RESUMO:

Este trabalho propõe o estudo comparativo entre Guimarães Rosa e Mia Couto. O corpus é composto pelos contos “A terceira margem do rio”, do escritor brasileiro e “Nas águas do tempo”, do escritor moçambicano. Buscamos mostrar através do diálogo entre os escritores como o hibridismo cultural aparece nas respectivas narrativas. Demonstramos a relação existente entre o hibridismo cultural e o entre-lugar no plano discursivo. Realizamos um comparatismo solidário, o comparatismo que enfatiza a troca cultural, o diálogo entre as literaturas tal como definido por Benjamin Abdala Júnior. E fundamentamos o hibridismo de acordo com o conceito de Homi K. Bhabha. Para o referido teórico o hibridismo é um terceiro espaço no qual são produzidas novas significações. Em relação ao entre-lugar, termo cunhado por Silviano Santiago, usamos conceitos estabelecidos pelo referido autor. Ao fim do estudo concluímos que o imaginário ficcional dos autores estudados são similares e que a imbricação entre os discursos do entre-lugar e do hibridismo cultural nos contos evidenciam o diálogo entre as Literaturas brasileira e moçambicana.

PALAVRAS-CHAVE: Hibridismo cultural. Guimarães Rosa. Mia Couto.

En esta orilla del mundo lo que no es presa es baldío
Creo que he visto una luz al otro lado del río
Yo muy serio voy remando muy adentro sonrío
Creo que he visto una luz al otro lado del río
(Jorge Drexler)

No presente trabalho, utilizando a perspectiva comparativa, contemplo autores de países e tempo diferentes: Brasil e Moçambique. As literaturas destes países convergem para a aproximação devido ao fato de compartilharem um passado colonial e o mesmo colonizador, Portugal. Guimarães Rosa e Mia Couto coincidem na utilização de alguns elementos na construção de seus imaginários ficcionais, dentre eles, o uso da oralidade, de elementos insólitos e da tradição cultural de seus países. Deter-me-ei na análise do modo como os dois autores usam o hibridismo cultural imbricado ao entre-lugar imanente à suas obras.

* Aluna Regular do Mestrado Acadêmico em Letras pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: wilmareeves@yahoo.com.br.

João Guimarães Rosa, mineiro nascido em Cordisburgo, em 1908, foi médico, diplomata e escritor. Para construir seu imaginário aproveitou-se de seu vasto conhecimento de línguas estrangeiras, das experiências adquiridas durante sua carreira diplomática e das viagens que fez ao sertão mineiro para pesquisar o cotidiano sertanejo ao mesmo tempo em que prestava assistência médica aos habitantes da referida região. Rosa criou uma nova forma de retratar a realidade sertaneja baseado na oralidade. A introdução desse novo estilo narrativo provocou polêmica em sua época, pois ao subverter a linguagem simultaneamente fazia crítica à sociedade da época.

Mia Couto, moçambicano nascido na cidade da Beira, em 1955, assim como Guimarães Rosa, atuou em áreas diferentes: foi jornalista e atualmente é escritor e biólogo. Como escritor tem produzido obras marcantes e importantes, pois mostram a realidade do povo moçambicano, a polifonia do seu discurso que pode ser vista através do hibridismo cultural. Homi K. Bhabha afirma: “O processo de hibridação cultural gera algo diferente, algo novo e irreconhecível, uma nova área de negociação de sentido e representação” (RUTHERFORD, 1990, p. 35). Assim, a oralidade poderia ser um meio para evidenciar o hibridismo cultural, a polifonia do discurso de Mia Couto e ainda seria instrumento para utilizada para reivindicar uma identidade, uma vez que há a subversão da linguagem.

Tomando por base as obras de Guimarães Rosa e de Mia Couto percebe-se a multiplicidade de fronteiras existentes no mundo e o quanto é necessária a realização de um comparatismo solidário entre a literatura brasileira e as literaturas africanas cuja língua oficial é a portuguesa. O comparatismo solidário, uma vez instaurado, confrontará a corrente literária que investiga a influência de determinadas literaturas (europeias) sobre outras (oriundas de países subdesenvolvidos). Os defensores desta corrente veem as relações entre essas literaturas como fruto de dependência cultural e tomam as obras produzidas nos países periféricos como mera imitação. É importante frisar que no caso das relações estabelecidas entre as literaturas brasileiras e africanas há um diálogo, uma troca cultural. Sobre esta troca cultural, Mia Couto afirma:

Entre Guimarães Rosa e Mia Couto percebemos um diálogo resultante da mesma herança colonial que se manifesta por meio da ânsia por uma identidade, do

confronto com a realidade opressora e castradora sentido principalmente na literatura. Ambos os autores rompem com a linguagem culta ao retratarem a linguagem popular. Esta característica, em especial, é importante para situar o dialoguismo entre os autores. Sobre a influência de Rosa nas literaturas africanas de língua portuguesa, Mia Couto explica:

Haverá por certo uma necessidade histórica para essa influência. Há razões que ultrapassam o autor (Guimarães Rosa). Haveria uma predisposição orgânica em Moçambique e Angola para receber essa influência, e essa predisposição está para além da literatura. (COUTO, 2011, p. 109).

Guimarães Rosa está incluído na Geração de 30 do Modernismo brasileiro. Esta geração ficou conhecida como regionalista, uma vez que os autores nela incluídos retratavam regiões específicas, tais como o sertão, o nordeste, os pampas. Para esses escritores o Manifesto da Antropofagia, de Oswald de Andrade, foi base para o desenvolvimento de uma prosa voltada para a problemática sociocultural. Os africanos, influenciados pelos manifestos publicados no Brasil, trilharam caminhos similares para construir suas identidades nacionais. Salienta Elisalva Madruga Dantas sobre isto, que:

Desse modo, a exemplo dos brasileiros, partem os africanos para a realização de um inventário da vida africana, através da documentação de seus costumes, do registro da paisagem, da caracterização da psicologia e da índole do povo africano. (IN: CHAVES, MACÊDO, 2003, p. 43).

A afirmação de Elisandra Madruga Dantas casa bem com a obra coutiana, pois esta é uma engajada com a sociedade Moçambicana, uma vez que, Mia Couto acompanhou de perto a calamidade em que seu país estava em decorrência dos conflitos internos, chegando a atuar em movimentos libertários, e ao entrar em contato com a literatura brasileira, age como poeta antropofágico, assimilando o melhor dos modernistas, especialmente de Guimarães Rosa. Sobre isto, Mia Couto afirma: “Eu tinha que conhecer este João, este tal Rosa. E um amigo meu trouxe as ‘Terceiras Histórias’. E de fato foi uma paixão. Foi de novo alguém que dizia ‘isto pode-se fazer

literariamente” (FELINTO, 2002, p. 35).

Explicitada a intertextualidade entre os autores aqui estudados, passaremos à análise dos contos “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa que está incluído no livro *Primeiras estórias*, publicado em 1962 e “Nas águas do Tempo”¹, de Mia Couto presente em *Estórias abensonhadas*, publicado em 1994.

Os títulos dos contos remetem à imagem de um rio com seus fluxos, suas margens que levam a sonhar com travessias, jornadas para uma outra realidade, para o “além-mundo”. Na leitura dos contos percebemos o sonho, o desejo dos autores de expressarem uma ruptura com a realidade posta, em razão disso introduzem elementos sobrenaturais para explicitar de uma forma diferente o sonho e a realidade cultural de cada um dos povos aos quais pertencem.

Percebemos em “ATMR” e em “NAT” semelhança quanto à escolha dos narradores e dos personagens que seriam os símbolos da mudança, que são respectivamente, o filho e o neto e, o pai e o avô. São estes últimos que enveredam para o mundo do rio-existência, são eles os híbridos, que passarão a habitar a terceira margem. No fragmento a seguir, o narrador de “ATMR” revela sua incompreensão frente à atitude do pai, este que de um homem comum, passa a representar um ser “deslocado” para a sociedade:

[...] homem cumpridor, ordeiro, positivo abandona a família sem motivo aparente para viver no rio, onde só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela saltar, nunca mais. (ROSA, 1988, p. 32).

Em “NAT” o narrador conta como o avô mantinha relação com os outros da margem do rio. Relação esta que deveria ter continuidade, pois o desejo do velho era não ser o “último a ser visitado pelos panos” (COUTO, 1994, p. 16). A atmosfera sobrenatural é fortemente marcada neste conto. A aura de sonho imbricada ao desejo de continuidade envolve a narrativa. Entretanto, em “ATMR” não fica explícito que o filho deverá substituir o pai ficando a atmosfera insólita como elemento de realce ao misterioso isolamento do pai no rio e a sua conseqüente transformação física e

¹ Ao longo do artigo, iremos nos referir ao conto “A terceira margem do rio” com a abreviação “ATMR” e usaremos “NAT” para remetermos ao conto “Nas águas do tempo”.

internamente.

O elemento rio, compartilhado pelas duas narrativas, é descrito com um lugar misterioso, onde outros seres habitam. Tal característica nos leva a vê-lo com um entre-lugar. Acerca do entre-lugar, Stuart Hall afirma que:

o entre-lugar permite um movimento e passagem possibilitando a abertura do espaço ao hibridismo cultural que é construído com o reconhecimento da diferença. A negociação dessa diferença é o que possibilita o diálogo ente o Eu e o Outro. (AXER apud HALL, 2003, s/p).

Assim, o rio abre possibilidade para o diálogo com outras culturas, é uma fronteira como ilustra este fragmento de “NAT”: “Aquele [o rio] era o lugar das interditas criaturas. Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre água e terra” (COUTO, 1994, p. 14, grifo nosso). O rio é um *entre-lugar* onde há o confronto entre tradicional e moderno, real e irreal, bem ou mal, ou seja, onde as diferenças se confrontam. É neste local que o hibridismo emerge como revela também este fragmento de “ATMR”:

Nosso pai passava ao largo [do rio], avistado e diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. [...] Nosso pai se desaparecia para a **outra banda**, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato e **só ele conhecesse**, a palmas, a escuridão, daquele. (ROSA, 1972, p. 81-82, grifo nosso).

A expressão em destaque no trecho acima de “ATMR” remete às margens do rio, no caso, à terceira margem, que é representada por esse lugar que apenas ele sabia chegar. A canoa encarna o elemento que possibilita ao pai chegar à “outra banda”. O espaço transitado pela canoa torna-se um terceiro espaço. Segundo Homi K. Bhabha, o Terceiro Espaço “[...] permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas, do “povo”. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nos mesmos” (BHABHA, 1998, p. 69). A seguinte passagem de “NAT” é sintomática da preocupação com olhar interior e o exterior em relação à cultura do Outro:

Nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. (COUTO, 1994, p. 13).

O trecho acima reforça o desejo por efetivar o diálogo entre culturas, entre os habitantes de margens distantes. Ao contrário do que aparece em “NAT”; no conto de Rosa, várias são as tentativas de tirar o pai do rio, local estratégico para o ser híbrido possibilitar o diálogo cultural. O fragmento abaixo evidencia dois desses momentos:

Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar o nosso pai o dever de desistir de tamanha teima. De outra, por arranjo dela (a mãe), para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. (ROSA, 1972, p. 81, grifo nosso).

Os elementos culturais estão imbricados aos dois contos. Isto pode ser sentido em “ATMR” pelo fato de o personagem “pai” estar aparentemente fugindo do contato com sua sociedade que estaria perdendo a identidade em consequência da demasiada influência capitalista em todos os setores constituintes da sociedade. Em “NAT”, temos o inverso, o “avô” não foge, vai ao encontro do outro para estabelecer relações, dialogar. Para Bhabha

o trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. (BHABHA, 1998, p. 27).

Levando em conta a citação de Bhabha, vemos que em “ATMR” o pai opta pela solidão do rio-existência numa tentativa de buscar um meio para intervir na realidade, através de uma nova atitude frente presente. Em “NAT”, a relação com o passado colonial intervindo no presente e sua conseqüente transformação fica mais evidente pelo fato de o conto estar inserido em um livro que tem como foco o final da guerra em

Moçambique, ou seja, o desejo de ser nação passa pela troca com o outro.

Bonnie Axer corrobora com nossa reflexão acima ao afirmar que:

o entre-lugar é um espaço de (re)significação, de (re)criação, tempo revisionário, um retorno ao próprio presente para reescrevê-lo, um espaço de intervenção no aqui e no agora. A intervenção questiona as divisões binárias – espaço do hibridismo. (AXER, 2009, p. 1).

Assim, percebemos que a grande divergência entre “ATMR” e “NAT” reside na descontinuidade ou continuidade de comportamentos influenciadas pelo hibridismo cultural contemplado pelas duas narrativas. Enquanto em “NAT” o narrador, o neto dá continuidade ao ritual de mistérios dos panos; em “ATMR” o narrador, o filho rompe com a sina do pai. Como ilustram os trechos abaixo de “NAT” e “ATMR”, respectivamente:

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gémeos, nascidos do mesmo ventre. Eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem. (COUTO, 1994, p. 17).

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordando. E eu tremi, profundo, de repente porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro de tantos anos decorridos! E eu não podia. Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. (ROSA, 1972, p. 85).

No exceto de “NAT” concretiza-se a renovação a tradição a partir da atualização do ritual. E o rio, entre-lugar por excelência, é o *locus* onde o projeto, o sonho diurno da personagem ou da própria nação é concretizado. Isto não ocorre em “ATMR” como a passagem acima evidencia. O personagem de Guimarães Rosa recusa substituir o pai na canoa, fato que o converte imediatamente em um ser de fronteira, pois ele ao mesmo tempo em que ele tem a consciência de que não pertence ao lugar que habita, foge, para não assumir sua tarefa de buscar o projeto para intervir na realidade da sociedade em que estava inserido. O filho se define como: “Sou o que não foi, o que vai ficar calado”. Assim, ele sai do mundo real, das palavras, para viver no mundo simbólico

da terceira margem, do entre-lugar.

Podemos, então, desta forma, inferir que o hibridismo cultural em ambos os contos está imbricado ao discurso do entre-lugar, pois em razão da dupla postura – de assimilação e de resistência – estabelecida por esse tipo de discurso, os autores concretizam suas rupturas, contestam e reivindicam identidades a partir de um novo meio explorar a realidade. Pois como Mia Couto afirma: “A transgressão poética é o único modo de escaparmos à ditadura da realidade. Sabendo que a realidade é uma espécie de recinto prisional fechado com a chave da razão e a porta do bom senso” (COUTO, 2009, p. 111). Depreendemos da análise as especificidades culturais e o diálogo entre Guimarães Rosa e Mia Couto.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org). **Margens da cultura** – mestiçagens, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. Fronteiras múltiplas e hibridismo cultural: novas perspectivas ibero-afro-americanas. In: **De vôos e ilhas**: literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 77-102.

_____. **Fluxos comunitários**: jangadas, margens e travessias. São Paulo: Revista Via Atlântica, n 8. 2005, p. 12-42.

AXER, Bonnie. **Homi K. Bhabha**: Entre-lugar. Disponível em: <<http://curriculoproped.com/homi-k-bhabha-entre-lugar-bonnie-axer/>>. Acesso em: 19 dez. 2009.

BHABHA, K. Homi. **O local da cultura**. Tradução Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARBONIERI, Divanize. **Hibridismo e simultaneidade em *The famished road de Bem Okri***. Maringá. v. 30, n. 1, p. 53-62, 2008.

CASTRO, Décio Antônio de. **Primeiras estórias**: Guimarães Rosa: roteiro de leitura. São Paulo: Ática, 1993.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia. **Marcas da diferença**: as literaturas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**: contos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?**: e outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FELINTO, Marilene. **Mia Couto e o exercício da humildade**: entrevista dada por Mia Couto. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1393,1.shl>>. Acesso em: 27 dez. 2009.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1972.

RUTHERFORD, Jonathan (Org). **O terceiro espaço**: uma entrevista com Homi Bhabha. Tradução Regina Helena Fróes e Leonardo Fróes. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. s/d. Disponível em: <<http://www.4shared.com/get/DOBXGDUu/BHABHA-HOMI-O-Terceiro-Espaco-E.html>>. Acesso em: 24 mai. 2011.

LARANJEIRA, Pires. Mia Couto, sonhador de verdades, inventor de lembranças. In: **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Universidade Aberta, 1995, p. 310-319.

SANTOS, Iolanda Cristina dos Santos. **Brasil e Moçambique**: estórias que se contam. Disponível em: <<http://www.segundocoloquioafricano.ufjf.br/iolanda.pdf>>.

HOLT, Isabel Von. **As terceiras margens** – outros espaços na obra de João Guimarães Rosa. Disponível em: <http://www.lai.fuberlin.de/disziplinen/brasilianistik/veranstaltungen/symposium_jgrosa/essaywettbewerb/Isabel_von_Holt_As_terceiras_margens.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2009.